

**UM OLHAR
SOBRE O
FAZER
AGROFLORESTAL**



APRESENTAÇÃO

A ideia de que o ser humano possa manejar o ambiente de forma a torná-lo cada dia mais biodiverso, fértil e farto em alimentos, além de potencializar o cumprimento de suas funções ambientais mais amplas, só parece estranha devido à enormidade da destruição realizada pelos seres humanos nos ecossistemas nos últimos 200 anos.

Entender que é possível e que foi feito por mais de cem mil anos, nos parece provocador e motivador para a recuperação de entendimentos, sentimentos e adoção de uma postura de pertencimento e cooperação com a natureza. Por isto, a abordagem dialógica na construção da proposta agroflorestal foi uma importante ferramenta metodológica utilizada pela Cooperafloresta e parceiras durante o Projeto Agroflorestar, patrocinado pela Petrobras, através do Programa Petrobras Ambiental.

A ação da Cooperafloresta vem rompendo com uma situação crítica de desorganização, desmobilização, fragilidade na identidade e consciência étnica das famílias quilombolas, falta de autoestima de agricultores e agricultoras inseridas num contexto de exclusão social, econômica e política. Através da proposta agroflorestal, conseguiu construir um caminho alternativo, impulsionando um processo participativo de organização e de mudança na prática agrícola e comercial, promovendo a emancipação e autonomia das famílias, fortalecendo-as e inserindo-as em redes, organizações e movimento populares na busca por políticas públicas que respondam às necessidades das comunidades quilombolas, da agricultura familiar e da Agroecologia.

Esta cartilha propõe-se a lançar um olhar sobre os elementos metodológicos que contribuíram para o processo de adoção e multiplicação da prática agroflorestal nas comunidades em que a Cooperafloresta atua. A definição deste tema vem ao encontro de uma necessidade concreta das organizações envolvidas neste projeto, no sentido de qualificar a leitura das experiências em curso, mas principalmente para subsidiar as estratégias metodológicas para a multiplicação da prática agroflorestal.

**“Quando a Floresta está nua, desprotegida, Mofokari,
o ente solar, queima os igarapés e os rios.
Ele os seca com sua língua de fogo e engole seus peixes.
E quando seus pés se aproximam do chão da floresta,
ele endurece e fica ardendo.
Nada mais pode brotar nele.
Não tem mais raízes e sementes na umidade do solo.
As águas fogem para muito longe.
Então, o vento que as seguia e nos refrescava como
um abano se esconde também. Um calor escaldante
paira em todos os lugares.
As folhas e flores que ainda estão no chão ressecam e encolhem.
Todas as minhocas da terra morrem.
O perfume da floresta queima e desaparece. Nada mais cresce.
A fertilidade da floresta vai para outras terras”**

(sabedoria ancestral indígena sobre a floresta e o clima, sabiamente expressa pelo Davi Kopenawa no prefácio do livro Urihi, a Terra-Floresta Yanomami)

SUMÁRIO

UM OLHAR SOBRE A COOPERAFLORESTA	4
O JEITO DE SER	4
O JEITO DE FAZER	6
Organização: grupos, mutirões e gestão participativa da associação	7
Agrofloresta baseada na estrutura, dinâmica e biodiversidade florestal	8
Agentes Multiplicadores	10
Fundo Rotativo de Microcrédito	13
Certificação Participativa	14
Comercialização Coletiva, Ética e Solidária	15
Escola Agroflorestal	17
Incidência política	19
O JEITO DE OLHAR	18
LIÇÕES E APRENDIZADOS	22
SOBRE O PROJETO AGROFLORESTAR	27

UM OLHAR SOBRE A COOPERA Floresta

O JEITO DE SER

A Cooperafloresta - Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis é uma associação composta exclusivamente por agricultores e agricultoras familiares, sendo maioria quilombola. Tem como principal missão resgatar e desenvolver a cultura, a cidadania, a soberania alimentar e o grande conhecimento que as comunidades tradicionais e quilombolas da região possuem sobre a natureza, aplicando-o na geração e multiplicação de uma agricultura fundamentada no entendimento e cooperação com os processos naturais que mantêm, regeneram e reproduzem a vida e a fertilidade da terra e do ambiente.

A Cooperafloresta entende que o exercício da plena cidadania que sua missão visa promover, pressupõe o acesso à educação, alimento de qualidade, saúde, moradia adequada, trabalho e renda, mas também fundamentalmente o exercício individual e comunitário do protagonismo na construção da história. Neste sentido, grande parte das famílias associadas à Cooperafloresta sente que através da agrofloresta pode colaborar na construção de um mundo melhor contribuindo prática, conceitual e até espiritualmente para o desenvolvimento de uma atitude de cooperação e amor dos seres humanos entre si e com a natureza, indispensável para a produção sustentável de alimento e para a manutenção da vida em nosso planeta.

“É uma roça multiplicadora, em sistema da vida... Que chama a vida da natureza pra perto da gente... Os passarinhos e até alguns bichinhos pra perto da gente. Isto anima muito a gente. Eu digo isto, multiplicadora, porque a mãe natureza não pára de trabalhar hora nenhuma. E com este trabalho, a gente aproveita o serviço que ela faz para nós.” (Sezefredo, grupo Salto Grande)

A Cooperafloresta se origina na cultura e conhecimento da população local, mas também é fruto do trabalho pioneiro com agrofloresta iniciado por duas famílias agricultoras em 1996, a partir de um curso ministrado em Barra do Turvo pelo agricultor Ernst Götsch, pessoa de grande destaque na difusão e prática da Agrofloresta no Brasil.

“Eu não tenho dúvida que esse trabalho é um trabalho que veio por Deus e pelo conhecimento nosso aqui na Barra do Turvo. E o Ernesto trouxe um reforço muito importante, não só na parte do conhecimento, mas nos exemplos e na exigência. Passei na propriedade dele, vi que as coisas tinham tudo pra

dar certo. Vi muitas coisas produzindo, como cacau, pupunha e muita variedade de plantações. É uma propriedade pioneira onde a gente aprendeu o que sabe hoje.” (Sezefredo, grupo Salto Grande)

Em 1998 formou-se um grupo de cerca de trinta famílias que começaram a praticar a agrofloresta e a comercializar solidária e coletivamente a produção de suas agroflorestas agroecológicas.

As condições de vida destas famílias eram muito precárias e a grande maioria não via perspectivas de superação de sua exclusão social. A maioria dos jovens estava abandonando a atividade agrícola e migrando para os centros urbanos em busca de trabalho e renda, gerando desestruturação das famílias e das comunidades rurais.

“A agricultura que meu pai fazia não era legal, não tinha comércio, judiava da terra com desmatamento, não seria um meio de vida. Com certeza não estaria aqui com meu pai. Antes eu pensava em ir embora, igual os meus primos.” (Carlinhos, grupo Indaiatuba)

Desenvolvendo a prática da agrofloresta desde 1996 e a comercialização coletiva, solidária e certificada da produção agroflorestal desde 1998 a Cooperafloresta se estruturou e se legitimou enquanto organização protagonizada pelas famílias agricultoras. No entanto, devido ao enfrentamento de fortes restrições econômicas e sociais optou por permanecer na informalidade até o ano de 2003, quando assumiu a personalidade jurídica de associação, quando seu trabalho já era uma referência regional pela prática da agrofloresta.

“Através da agrofloresta, a gente passou a conhecer mais outros tipos de plantas, além das árvores e da adubação verde, também outros tipos de alimentos. Além de a gente ter mais uma comida diferente, ainda dava para ajudar na renda da casa. Acho que a agrofloresta, já iniciou mudando muito a vida de todo mundo.” (Vanilda, grupo Terra Seca)

Atualmente a Cooperafloresta é composta por 112 famílias agricultoras abrangendo 322 pessoas no Vale do Ribeira, nos municípios de Barra do Turvo em São Paulo e Adrianópolis e Bocaiúva do Sul no Paraná. Organizadas em 22 grupos reúnem-se semanalmente em mutirões agroflorestais, onde trabalham coletivamente o manejo das agroflorestas e discutem as questões relativas à sua organização e funcionamento da Associação. Atualmente, mais de 70% dos associados da Cooperafloresta residem em comunidades

que se reconheceram como Quilombolas, em trabalho realizado junto à Fundação Cultural Palmares. Algumas destas comunidades localizam-se em áreas legalmente consideradas como Parque Estadual do Rio Turvo, nos bairros do Cedro, Ribeirão Grande, Terra Seca, Reginaldo e Areia Branca. As outras estão localizadas nos bairros Estreitinho, Três Canais e Córrego do Franco. Em alguns casos o reconhecimento já está embasado por laudo antropológico. A partir deste reconhecimento, diversas Associações Quilombolas vem se estruturando visando o fortalecimento das comunidades quilombolas para conquistar o direito de posse e titulação de suas terras, a valorização e desenvolvimento da cultura local e ancestral, dos conhecimentos sobre a natureza e a construção de relações de fraternidade das pessoas entre si e com a natureza. A união e organização nestas Associações Quilombolas fortalecem e são fortalecidas pela ação da Cooperafloresta.

A ação da Cooperafloresta e das Associações de Quilombolas, a articulação com outras lutas de objetivos semelhantes travadas nacionalmente, além do trabalho realizado regionalmente e por longos anos pelo Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do Vale do Ribeira e Litoral Sul (Sintravale), contribuíram de maneira significativa para que houvesse uma mudança de postura das autoridades ambientais em relação às necessidades e realidade das comunidades tradicionais que estão localizadas no interior e entorno do Parque Estadual do Rio Turvo e das Reservas de Desenvolvimento Sustentável dos Pinheirinhos, Barreiro Anhemas e Quilombos. .

O trabalho com associativismo, produção agroflorestal, sistemas participativos de garantia, comercialização coletiva ética e solidária, vêm gerando resultados significativos no âmbito econômico, ambiental, social e cultural. As famílias antes da agrofloresta sobreviviam com rendas declinantes da produção do feijão cultivado em terras com acentuado processo de degradação, comercializada de forma individualizada em mercados distantes com elevados custos, obtendo renda da agricultura que não ultrapassava 2 salários mínimos anuais e era complementada com a venda de trabalho eventual. Com a atuação da Cooperafloresta, em 2009, mais de 75% das famílias associadas ultrapassou 15 salários mínimos de renda agrícola monetária anual acrescida de grandes melhorias na renda de autoconsumo que superou 4 salários mínimos anuais. Estes resultados são obtidos conservando o meio ambiente e ampliando a biodiversidade local no bioma Mata Atlântica num processo continuado e ampliação e qualificação dos sistemas agroflorestais (SAFs), que atingiram, em 2012, aproximadamente 1.100 ha de sistemas agroflorestais, sendo 240 ha de agroflorestas mais intensivamente manejadas e outros 860ha de manejo mais extensivo, onde predomina a ação do

processo natural de regeneração florestal.

A Cooperafloresta também desenvolve uma série de atividades de formação e capacitação dirigida a um público bem mais amplo, através da Escola Agroflorestal, espaço informal que recebe aproximadamente 800 pessoas por ano – agricultores, agricultoras, organizações, técnicos, pesquisadores, gestores públicos, universitários, consumidores e estudantes – oriundas de outros municípios do Vale do Ribeira, regiões e estados, interessadas em conhecer a sua experiência e intercambiar conhecimento sobre suas agroflorestas, formas de organização, certificação e comercialização. Desta forma, tem contribuído para a sensibilização, divulgação e multiplicação da agrofloresta como instrumento de recuperação e conservação dos recursos naturais e de geração de renda para as famílias agricultoras.

A Cooperafloresta é administrada por uma diretoria constituída por 4 representantes de seus associados, eleitos em Assembleia Geral, com um mandato de dois anos. Conta com um Conselho de Representantes, formado por 1 representante de cada um dos seus 22 grupos que orienta as suas decisões e ações. Possui 1 Conselho Fiscal que acompanha as questões financeiras e contábeis. Para a comercialização, conta com 1 equipe composta por 1 coordenador e 15 pessoas que a operacionalizam. Através de diversos projetos tem conseguido manter uma equipe técnica permanente, composta por 3 engenheiros agrônomos e 1 engenheiro florestal que juntamente com agentes multiplicadores assessoram as famílias associadas. Ainda possui 1 coordenadora administrativa financeira e 1 contador que assessoram a associação em suas questões administrativas e financeiras.



O JEITO DE FAZER

As pessoas que fazem parte da Cooperafloresta procuram construir um mundo melhor com união, solidariedade, amor e respeito pelas pessoas e pela natureza. Neste sonho, procuram ser livres e não se deixar levar pela aparente dificuldade de sua realização. Acreditam que querer é ter fé, é poder! E colocam o dom divino de imaginar e orar a serviço do objetivo comum ou de algo ainda melhor, segundo a vontade de Deus. Acreditam que toda mudança importante começa pelo coração. Que ao abrir coração, abrem-se também os olhos e ouvidos. Então, podem enxergar e ouvir coisas que não viam e nem ouviam antes... sabem que o dono de um coração endurecido pela ideia de que o mundo é uma competição, não tem olhos e ouvidos para procurar perceber, entender e apreciar a grandeza e a beleza do imenso trabalho em cooperação que a natureza realiza.

E o coração da Cooperafloresta crê na Agroecologia!

A agroecologia reúne o conhecimento que as famílias agricultoras têm sobre a natureza ao conhecimento técnico e científico. Trabalha pela construção de uma sociedade baseada no amor, no respeito e na cooperação das pessoas entre si e com a natureza. Demonstra que é necessário trazer de volta ao cam-

po as famílias agricultoras, as árvores, os animais, as florestas, a natureza e a vida. Mostra na prática, que só uma reforma agrária que reúna gente e natureza poderá gerar água e alimentar a todas as pessoas do mundo, não apenas no presente, mas também no futuro.

E na construção da Agroecologia a Cooperafloresta escolheu o caminho da Agrofloresta!

Em sua trajetória nestes 15 anos a Cooperafloresta foi traçando passo a passo os caminhos de seu trabalho, contando com a colaboração de muitas organizações e pessoas que a apoiaram e incentivaram. A definição da forma de atuar e as adaptações à realidade e necessidades das famílias associadas são fruto de uma ação intuitiva à luz de uma base conceitual clara, sempre instigada por uma dinâmica intensa e desafiadora imposta pelas limitações sócioeconômicas. Apesar de todas as dificuldades, e talvez em função delas, a Cooperafloresta criou um conjunto de estratégias metodológicas, que de forma simultânea e complementar tem gerado bons resultados. A seguir, faz-se um esforço de síntese destes elementos que norteiam o modo de fazer Cooperafloresta.



ORGANIZAÇÃO: grupos e gestão participativa da associação

No ano de 2000, a Cooperafloresta organizou as famílias agricultoras em grupos por bairros, retomando-se o antigo costume de fazer mutirões, onde as famílias se ajudam na prática agroflorestal. Os mutirões também servem para aprendizado, para troca de experiências e para que cada um conheça a produção do outro.

“Desde que entrei no grupo, eu já comecei a ter esta visão de estar cuidando. Na época que a gente estava lidando com roça de queimada e com gado, a gente sabia que estava fazendo coisa errada, mas não via como melhorar. Quando a gente começou a se envolver no trabalho da associação, a gente foi adquirindo conhecimento, participando de reunião e curso e tentando aplicar na propriedade.” (Gilmar, grupo Três Canais)

Cada grupo elege um representante para um Conselho, que junto com uma Diretoria eleita por todos os associados, administra a Cooperafloresta. Os conselheiros devem ouvir as opiniões e decisões de seu grupo e representá-las no Conselho. O Conselho está sempre discutindo e tomando as principais deci-

sões da associação.

Entre as decisões tomadas pelo Conselho, estão as regras de conduta acordadas entre os que querem fazer parte da Cooperafloresta. Estas regras são sempre discutidas e mudam de acordo com a realidade vivida pelas famílias e suas necessidades. Uma das regras fundamentais é que todos devem participar de um grupo e das decisões da associação e de um esforço coletivo de transformação em direção à agrofloresta. Esta organização possibilita garantir coletivamente, que todos os sítios sejam ecológicos e agroflorestais, de acordo com as regras estabelecidas pelo Conselho da Cooperafloresta e pela Rede Ecovida de Agroecologia, da qual a Cooperafloresta faz parte e desde 2001, formando o Núcleo Agroflorestal.

A Assembleia Geral Anual é um momento onde as famílias partilham suas conquistas numa grande e alegre celebração.

Outra importância é que a gente aprende a conviver... com a mulher, com os filhos, com os vizinhos e com as pessoas que vêm visitar a gente. A gente sozinho não faz nada. (Sezefredo, grupo Salto Grande)



Agrofloresta baseada na estrutura, dinâmica e biodiversidade florestal:

Há um rico e grande patrimônio cultural no Vale do Ribeira, com quilombolas, indígenas, caiçaras e caboclos, sendo um dos motivos pelos quais ainda persistem grandes reservas biológicas na região, uma vez que estas populações dependem diretamente dos recursos naturais para sua sobrevivência sendo diretamente afetados pelas alterações no ecossistema em que estão inseridas. Este contexto facilita a agrofloresta biodiversa que representa uma verdadeira mudança de paradigma, onde a natureza é a grande guia para a prática da agricultura.

“A gente teve facilidade porque já via isto. Nasceu no mato, já se criou vindo como que a mata se comporta. E agrofloresta é uma roça imitando a floresta... quando você tem este conhecimento fica mais fácil.” (Sidinei, grupo Três Canais)

O crescimento da produção é fruto do caminho da vida, que sempre regenera a fertilidade e as florestas. No mesmo lugar e ao mesmo tempo, procura-se plantar árvores e outras plantas que formem e ocupem

ao máximo vários andares, em todas as fases do desenvolvimento da agrofloresta, desde poucos meses até centenas de anos depois. Ocupando vários andares, elas captam com perfeição a energia do sol, gerando assim, a maior quantidade possível de folhas, frutos, madeiras e raízes que alimentarão animais e micróbios. Estes ao fazerem a digestão dos alimentos, devolvem ao solo uma quantidade e diversidade crescente de nutrientes que fazem as plantas nativas e as lavouras se desenvolverem cada vez melhor. Devolvem, também, o estrume que gruda os grãos de areia e terra uns nos outros, tornando os solos cada vez mais férteis e cheios dos espaços vazios, que os fazem capazes de guardar água, mesmo muitos dias após chover. Desta maneira, as agroflorestas se tornam dia a dia mais produtivas e totalmente independentes do uso de água, de adubos e de estercos, além dos gerados pelos próprios seres vivos que nela vivem.

“A mudança dentro da agrofloresta é grande demais. Só se a pessoa quiser se tornar um cego pra não



ver. Eu vejo a mudança por mim, eu vejo a esperança por mim. Pra mim foi uma mudança fora do sério, é como você virar uma camisa ao avesso. Imagina que a gente destruiu o terreno, tirando toda a camada da terra boa. Eu metia veneno, enxada, muitas vezes virei a terra com enxadão, passava o rastelo e queimava o cisco todo, pra ficar uma terrinha bem limpinha. E hoje a gente vê depois de 2, 3 anos, a mudança que essa área pegou através do sistema de agrofloresta, da plantação consorciada, através de leguminosas, do guandu, como eu gosto e admiro essa planta! Através de plantas e mais plantas! Eu agora até trago cisco de fora pra botar dentro da área, imagina! Eu não ia fazer nunca isso na minha vida! Trazer mato lá de fora pra colocar dentro da área! Deus do céu!” (José Baleia, grupo Indaiatuba)

As agroflorestas geram água ao invés de consumi-la. Com elas já estamos mostrando que podemos produzir constantemente e para sempre, quantidades maiores de alimentos por área, do que o que é produzido atualmente pela agricultura mecânica e artificial. Assim, o campo pode se tornar novamente cheio de gente, de florestas, de animais, de nascentes, de rios e de imensa fartura de alimentos.

“As águas são o principal! Antigamente a gente não tinha água, ia lavar roupa pegava água do rio. Se cortar as árvores não tem água. Se não tivéssemos plantado, nós não tínhamos água hoje.” (Eliane, grupo Três Canais)

As 112 famílias da Cooperafloresta manejam mais de 300 espécies de plantas, fazendo uma agricultura sem utilização de agroquímicos e sementes transgênicas, regenerando florestas e a biodiversidade local da Mata Atlântica, através de 1.100 ha de sistemas agroflorestais, sendo 240 ha de agrofloresta e outros 860 ha em processo natural de regeneração florestal. Os sistemas agroflorestais geram uma grande fartura de alimentos com elevada produtividade. A área total de cada família é em média 15 ha, com cerca de 10 ha de SAFS, sendo 2,2 ha com agrofloresta com grande diversidade de espécies como: banana, juçara, pupunha, café, abacaxi, abacate, goiaba, fruta do conde, graviola, jaca, jaboticaba, citros diversos, lichia, cajás, bacupari, tamarindo, carambola, pêra, pêssego, cupuaçu, cacau, caju, pitanga, jambo, jambolão, araçá, jenipapo, além de hortaliças, raízes e tubérculos. A produção anual totalizou, em 2012, aproximadamente 1.000 toneladas de produtos agroflorestais, sendo 25% destinado ao consumo das famílias e 75% à comercialização.

“Eu sou apaixonado por esse projeto por que é uma roça sem fim. Você tem uma roça que toda semana a gente tá colhendo fruto e mandando para o mercado.” (Ditão, grupo Cedro)

Ao se planejar como serão as agroflorestas, deve-

se pensar que no futuro as árvores de altura parecida, deverão revezar-se para ocupar aquele andar. Ao contrário, árvores de diferentes alturas, poderão estar bem mais próximas umas das outras. Não é tão fácil saber com precisão a altura que cada árvore terá no futuro, porque a altura e a forma da copa das árvores mudam muito, de acordo com o clima, solo, se as árvores estão solteiras ou consorciadas, em florestas ou agroflorestas. Então, se separa grosseiramente as árvores que se imagina que no futuro ocuparão diferentes andares. O plantio das espécies de cada andar, sempre será feito em quantidades pelo menos umas 5 vezes maior do que se irá deixar no futuro. Isto dá várias chances de acertar e deixa várias escolhas possíveis. Novamente está se imitando a própria natureza, que sempre planta uma quantidade muito maior de árvores do que as que chegarão à idade adulta. Procura-se deixar tantas opções, que na verdade, não se sabe com precisão nem o espaçamento, nem as combinações que futuramente sobrarão em cada lugar.

“E agora recentemente com os multiplicadores, começamos a amadurecer mais aquilo que já vinha... Discutir idéias para criar um plano. Planejar os degraus de plantas. Ter mais direção para aquilo que a gente vinha pensando.” (Claudinei, grupo Três Canais)

Mas ainda assim é importante planejar. Para que no futuro haja muitas opções diferentes que permitam as agroflorestas terem vários andares e sejam diferentes em cada pedaço. Nos pedaços que faltarem andares, é necessário podar e começar tudo novamente, só que com muito mais fertilidade. Porém, se cedo demais faltarem andares, faz-se a poda rasa. E, se isso acontecer em muitos lugares, os maravilhosos tempos de grande fartura e diversidade de frutas demorarão mais a chegar. Planeja-se para que no futuro, o primeiro andar de árvores seja quase completamente ocupado, por espécies como café de porte baixo, com as copas das árvores perto de se tocarem. Como no primeiro andar, não é preciso se preocupar em permitir a entrada de luz para os andares debaixo, procura-se ocupar totalmente este andar, aproveitando ao máximo o sol que ainda chega neste andar. Assim, além de aumentar as colheitas e a renda, melhora-se a cobertura do terreno, a produção de alimentos para a vida do solo e assim a velocidade com que a vida sobe em sua escalada. O espaçamento deve aumentar a cada andar, porque as árvores são maiores e, no futuro, será necessário que deixem passar mais luz para as árvores dos andares mais baixos, principalmente na época da floração, para que estas possam produzir com fartura a cada ano. Árvores, que apesar de crescerem pouco, são muito exigentes em sol para produzirem, como é o caso das acerolas, podem ser plantadas mais nas beiradas das agroflorestas, onde poderão ter o sol que necessitam.

“Todo ano eu tenho uma meta de sempre plantar um bananal novo... a gente planta tudo junto (com jaca, café, milho, feijão, vagem, abóbora...). Você planta um bananal que vai 1,5 ano para produzir, a jaca e o abacate o café vai demorar mais ..mas antes vem a vagem que dá rápido, a abóbora, o feijão, mandioca, milho. E você tem a certeza que tudo chega! Ai que vem a vantagem da agrofloresta! A dificuldade é ter todas estas sementes e mudas na hora de fazer a área.” (Urias, grupo Estreitinho)

Para que as árvores dos primeiros andares produzam bem, na época de sua floração é necessário que haja maior entrada de luz. Talvez nem seja preciso podar algumas árvores do terceiro e quarto andares, se elas perderem as folhas como o caqui, a pêra, o guapuruvu, o cedro, o cajá-mirim, a ata e muitas outras. A entrada de luz também poderá vir da poda total ou de parte de seus galhos. Como vantagem adicional, a poda cobrirá o solo e fornecerá alimentos para a vida do solo. Também se pode optar em não podar, nos casos em que haja interesse em colher mais frutas nas árvores dos andares de cima do que nos andares de baixo. A saúde das árvores, a vontade da família agricultora, as oportunidades de mercado, a produtividade das árvores e sua maior ou menor tolerância à poda orientarão as escolhas. Será necessário experimentar e aprender com as experiências próprias e as dos companheiros. Será preciso observação e sensibilidade. Cada caso será diferente.

“Cada pessoa vai ter uma forma de fazer e ainda que seja numa mesma direção ninguém vai fazer igual. A agrofloresta de cada um vai ser uma marca pessoal. Nem a gente faz uma agrofloresta igual a outra. Eu acho que o estado de espírito das pessoas também interfere nisto. Talvez até a própria fé que a gente tem na vida.” (Pedro, grupo Córrego do Franco)



Agentes Multiplicadores

São membros das comunidades rurais e quilombolas, em especial jovens e mulheres, apoiados pelos técnicos da Cooperafloresta e permanentemente capacitados para acompanhar e orientar as famílias agricultoras na organização e produção. São referências em seus grupos e comunidades no trabalho com agrofloresta e na facilitação da organização local, fazendo parte da estratégia de sustentabilidade da Cooperafloresta, pois enquanto membros das comunidades locais possuem vínculos e compromissos que independem de projetos e outras fontes de recursos que financiem o seu trabalho. Isto contribui para a continuidade e permanência de sua ação ao longo do tempo.

Na Cooperafloresta já foram capacitados dezenas de agentes multiplicadores para atuarem junto às demais famílias em diversos aspectos da prática da agrofloresta com destaque para o planejamento da conversão gradual e total das unidades familiares para agrofloresta.

“O trabalho dos multiplicadores é o ponto chave da agrofloresta. Eu fiquei encantadíssimo. Quando a pessoa é um multiplicador interessado, ela realmente faz com que certas áreas se deslanchem. Aprendi, gostei e tudo que a gente gosta, quando bota em prática, funciona bem. Então a gente também pega aquele gosto de passar para frente.

Trabalhar junto, levar aquela prática com bastante carinho. É como adubar. É como chegar terra numa planta novinha. Tem que ter cuidado pra não pisar, pra não amassar a folha. Através dessa amizade, dessa união, desse crescimento, desse gosto que o multiplicador já tem dentro dele, ele passa então para aquela família, que ainda não tem essa prática. Aí a coisa cresce.”

(José Baleia, grupo Indaiatuba)



No ano de 1998 foi formado um grupo com 30 famílias. As famílias pioneiras e suas agroflorestas foram fundamentais para a capacitação destas que

vieram depois. No início, o que a maioria conseguiu foi aumentar o uso dos consórcios e passar a plantar maior diversidade de frutas, hortaliças e lavouras anuais. Plantar guandu junto com outros adubos verdes e nas capinas preservar algumas árvores que apareciam espontaneamente nas lavouras. A infestação de capim diminuiu e a fertilidade dos terrenos aumentou, foi conservada ou pelo menos demorou mais a diminuir. Estes primeiros passos foram importantes para o conhecimento de novas plantas e para se ganhar experiência com alguns importantes fundamentos da agrofloresta.

Os primeiros agentes multiplicadores foram os agricultores pioneiros – três agricultoras e nove agricultores – que foram escolhidos pelos grupos da Cooperafloresta. A escolha de 3 mulheres representou um grande avanço, já que as mulheres, devido a uma sensibilidade especial para a agrofloresta, tiveram grande importância no início da formação dos grupos, mas vinham perdendo espaço na Cooperafloresta. Durante os últimos anos, a participação das mulheres foi estimulada e voltou a crescer, trazendo resultados positivos para as famílias e para o desenvolvimento da agrofloresta. Atualmente, já existe uma maior participação das agricultoras nos espaços decisórios dos grupos e da Associação.

Na capacitação da equipe técnica, formada pelos 12 agentes e 3 técnicos, iniciou-se lembrando a história do lugar, através do que tinha sido vivido por cada um e do que contaram os pais e avós. Relembrou-se detalhes de como era a vida, a natureza e a agricultura naqueles tempos antigos. Procurou-se entender como a história está ligada com as modificações que foram acontecendo na natureza. Os motivos que levaram à crise vivida pelas famílias agricultoras da região nos tempos antigos.

Durante seis meses concentrou-se em reconstruir o conhecimento do grupo, a partir do que se observa na natureza, nas próprias agroflorestas, em outras lavouras e de muita conversa a respeito do como e do porque de cada coisa que se via. Aos poucos, foi-se transformando o que cada um sabia em conhecimento de todo o grupo.

“Essa troca de experiência na capacitação ajudou, porque eu trabalhava, mas não levava a sério. Hoje estou levando a sério e sei que esse trabalho é o nosso futuro. Eu aprendi como manejar e tenho certeza de que, o que eu sabia e pude passar, ajudou aos outros.” (Mauro, grupo Terra Seca)

Durante toda a primeira fase dedicada à capacitação dos agentes multiplicadores e dos técnicos, caminhava-se por todas as partes dos sítios de todos os agentes. Conversava-se sobre onde se tinha errado e acertado e como poderia ter feito melhor, com mais facilidade ou em menos tempo. Discutia-se como co-

meçar agroflorestas nas diferentes situações, em terrenos com braquiária, sapé, capim-catingueiro e capoeiras com diferentes árvores e matos.

Era importante saber onde o trabalho daria retorno mais depressa ou mais devagar. Andando em diferentes lugares, observou-se que havia muitas maneiras de começar uma agrofloresta. Podia-se, por exemplo, aproveitar os lugares mais férteis para plantar hortaliças e lavouras anuais junto com lavouras e árvores que produzem em médio e longo prazos. Em outros lugares um pouco menos férteis, poderia usar menos mão-de-obra no início e só plantar lavouras de médio e longo prazo. Nos lugares mais pobres, seria melhor plantar apenas adubos verdes ou simplesmente deixando o trabalho de recuperação da fertilidade apenas para a natureza. Discutiu-se os fundamentos que seriam importantes para planejar as atividades de cada agente e do seu grupo. Mas também se discutiu detalhes como a época mais fácil ou mais adequada para roçar o capim-catingueiro.

Procurou-se estimar quanto tempo seria gasto em cada atividade e os ajustes para que o planejamento não fosse impossível de ser executado e atendesse de maneira equilibrada aos objetivos no curto, médio e longo prazos. Havia a perspectiva de se libertar da situação de quase só ter tempo de trabalhar para atender às necessidades imediatas e ver o trabalho resultar em condições ainda piores para o ano seguinte. Libertar-se da necessidade de vender o serviço, pelos quais se era mal remunerado. Superar a necessidade de fazer grandes roças de feijão, com retornos a cada ano menores. Tinha-se que construir um plano, que desse confiança, que em médio prazo poderia melhorar a fertilidade das terras, a produção para o autoconsumo e ao mesmo tempo, dando um salto libertador na renda que se obtinha com a agricultura.

“O que as pessoas conheciam de plantas e de qualidade de solo, era uma coisa bem grande. Conhecem o abc da terra. Eu acho isto aí bastante forte. E também é interessante que foi complementado, porque o que uns não sabiam, outros sabiam. Então, isto aí foi bastante rico.” (Pedro, grupo Córrego do Franco)

Todo o processo de capacitação ajudou a construir um conjunto de orientações que possibilitou que os agentes, contando com o apoio dos técnicos, ajudassem às demais famílias a realizarem o planejamento, que resultou em uma grande transformação na prática da agricultura e na perspectiva de renda das famílias. O conjunto de orientações também serviu para realizar o planejamento geral da Cooperafloresta como um todo, com o objetivo de facilitar o sucesso da transformação a ser realizada em cada sítio. Serviu, por exemplo, para orientar as sementes e mudas que deveriam ser coletadas, adquiridas e produzidas, bem como as prioridades e metas na comercialização da produção

e no processo de facilitar o acesso dos associados ao crédito do PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

Alguns agentes multiplicadores tinham mais conhecimento sobre a prática da agrofloresta e outros sobre a maneira como a natureza recupera a fertilidade de um lugar durante a formação das capoeiras. Também aprenderam uns com os outros e de maneira prática, a avaliar a fertilidade da terra através da observação dos matos, árvores, animais, inclinação do lugar, face que bate mais ou menos sol, cor e cheiro da terra.

Ainda mais importante do que os muitos detalhes que foram aprendidos, foi o crescimento da compreensão de que toda a natureza realiza um grande trabalho em cooperação, gerando sempre melhores condições de vida em todos os lugares. Também fundamental para a formação dos agentes foram as visitas e trocas de experiências com trabalhos agroecológicos realizados em diferentes regiões. Desta maneira, começou a ser olhar com outros olhos para muitas das coisas que já eram conhecidas.

Além de visitar todo o sítio e planejar as ativi-

de vida dos agentes e das demais famílias facilitam o diálogo, a procura de soluções e o entendimento da importância e do porque de cada manejo ou passo realizado ou planejado.

“Para mim uma das coisas importantes que também aconteceu durante este tempo, foi o trabalho de agente multiplicador. Eu pude passar, que nem na parte dos banheiros secos, fossas e filtros, coisas que eu sabia e que não ficaram só pra mim.” (Gilmar, grupo Três Canais)

O trabalho dos agentes, fortalecido pelas visitas dos grupos da Cooperafloresta às famílias que têm se destacado pelo excelente manejo de suas agroflorestas, têm sido fundamental para a grande transformação, que vem acontecendo num prazo muito pequeno na Cooperafloresta.

“Daí fui naquela visita no Sidinei. Aquela visita foi muito importante. Daí a gente viu aquela mudradinha uma perto da outra. Achava impossível aquilo, mas daí a gente viu. Daí a gente viu que uma planta serve de esterco para outra planta. Daí a gente viu muitas coisas para instruir mais a gente. Não



dades junto com as famílias, os agentes passaram a visitar cada família, uma vez por semana ou a cada duas semanas, acompanhando o andamento dos planejamentos e realizando diversas atividades junto com elas. Em seu trabalho junto às famílias, os agentes procuravam realizar e estimular práticas fundamentais para a melhoria das áreas e que normalmente não eram adotadas. As semelhanças de experiência

colocava fé naquilo! Mas agora eu estou sentindo que é só trabalhar. Meu interesse maior é plantar as mudas de árvores. Estou já que nem o Sezefredo. Estou mais é limpando as minhas plantas. Quero ver se preencho mais com mudas de raiz nua, pés de palmito, de frutas, de árvores. A minha área é bastante e não paro.” (Dolória, grupo Terra Seca)

Segundo o pesquisador Alvorí Cristo dos Santos, *A ação dos multiplicadores permite a potencialização do tempo dos técnicos, e os momentos de agricultor para agricultor, necessários e complementares para a multiplicação e verticalização dos processos de consolidação dos sistemas de produção.*

O processo de capacitação dos multiplicadores mesclou os momentos teóricos e práticos com uma diferença de concepção fundamental, aconteceu na ação junto às comunidades na implantação das áreas das famílias. Esta prática pedagógica diferenciada é um passo a mais do que juntar teoria e prática em uma ação simulada, se realiza junto à execução dos projetos das famílias. A complexidade desta forma integra a relação teoria-prática com a complexidade dos projetos das famílias, uma situação real.

A ação dos multiplicadores em processos de capacitação comunitária em tempo execução real assume a dimensão também de construção de conhecimento. A ação supera a capacitação e aprendizado nos manejos, e avança na construção de processos pedagógicos e ferramentas tendo como base a relação agricultor-agricultor.



Fundo Rotativo de Microcrédito

A Cooperafloresta administra um fundo de microcrédito rotativo desde 2004, com recursos originalmente disponibilizados por financiadores, principalmente a Visão Mundial. Com a ampliação dos projetos, o microcrédito tem sido dinamizado.

O fundo é administrado pelo Conselho de Representantes da Cooperafloresta que estabeleceu algumas regras básicas no Regimento Interno da mesma. Atualmente, tem-se priorizado investimentos coletivos – caixas plásticas, mudas, sementes, embalagens, etc – onde o repasse para os associados é realizado em produto e não em dinheiro. O pagamento é realizado através de desconto do pagamento mensal de 10% do valor dos produtos comercializados por cada associado que acessou o microcrédito. Não existe nenhum documento que formalize o acesso ao recurso e o compromisso de pagamento, mas a inadimplência é muito baixa.

A experiência com microcrédito tem sido um rico aprendizado para as famílias agricultoras, que estão conseguindo acessar recursos pela primeira vez, já que as comunidades quilombolas foram historicamente excluídas das políticas de crédito agrícola no país. Além de viabilizar investimentos produtivos, o microcrédito é um instrumento de fortalecimento da sua organização e de promoção da sua autonomia, além de ser uma estratégia de sustentabilidade da Cooperafloresta, para dar continuidade às suas ações com outras famílias, independentemente dos recursos externos.

“Quando começou a Cooperafloresta não tinha recurso para nada. Até aqueles barracões no Seu Sezefredo, as pessoas daqui iam trabalhar de graça lá, para criar a associação, hoje ta aí criada. Tem muito esforço de todo mundo aqui.” (Dolória, grupo Terra Seca)

Como exemplo da importância deste microcrédito, pode-se citar o desenvolvimento e início da implantação de sistemas de transporte da produção utilizando-se a gravidade e cabos de aço. Esta é uma tecnologia gerada localmente que vem diminuindo o tempo gasto, os danos ocorridos nos produtos e a penosidade do trabalho humano para transportar a produção. O transporte da produção já era um importante limite para a ampliação das áreas, além disso, quando era realizado em lombo de animais, por encostas íngremes provocava erosão e a necessidade de manter áreas com pastagens aos invés de agroflorestas. A possibilidade de acessar esta tecnologia através do microcrédito foi importante para a motivação das famílias ampliarem suas áreas com sistemas agroflorestais.

Certificação Participativa

A garantia da qualidade ecológica dos produtos agroflorestais, necessária para geração de confiança e credibilidade junto aos consumidores, é obtida através do Sistema Participativo de Garantia (SPG) da Rede Ecovida de Agroecologia. O SPG é um sistema solidário de geração de credibilidade, onde a elaboração e a verificação das normas de produção ecológica são realizadas com a participação efetiva de agricultores e consumidores, buscando o aperfeiçoamento constante e o respeito às características de cada realidade.

“A minha família sempre dizia para mim... você fica na mão da associação, não pode cortar aqui, não pode cortar lá...mas eu falo pro meu pai: se você vai num banco não tem um monte de regra? ...na agrofloresta e na associação você obedece uma regra no início e depois você cria outras regras...” (Urias, grupo Areia Branca)

A Cooperafloresta tem toda a sua produção agroflorestal certificada desta forma, integrando o Núcleo Agroflorestal, um dos 26 Núcleos Regionais que compõem a Rede Ecovida de Agroecologia. A equipe técnica da Cooperafloresta aborda permanentemente os regulamentos e exigências deste SPG, orientando os agentes multiplicadores e famílias agricultoras organizadas em pequenos grupos que se encontram quinzenalmente em forma de rodízio nas propriedades de seus integrantes, para realizarem mutirões agroflo-

restais, onde coletivamente manejam as áreas e trocam conhecimentos e experiências. Desta forma, todos conhecem e acompanham a maneira como cada família trabalha e produz, prática que é um dos elementos fundamentais desta forma de certificação participativa.

“A agrofloresta une a família...se não tiver união não tem como dar certo.A agrofloresta estimula o trabalho conjunto com os vizinhos”. (Nelma, grupo Terra Seca)

Também existe um Conselho de Ética da Cooperafloresta, composto por 5 agricultores(as) experientes que desempenham o papel de acompanhamento e verificação dos procedimentos do SPG localmente, particularmente na avaliação de novos integrantes dos grupos e na resolução de possíveis problemas no processo de certificação. Realizam em média 2 visitas mensais às propriedades rurais, sendo 1 por sorteio e outra por demanda dos grupos. Este Conselho é qualificado através de oficinas onde são aprofundadas as questões pertinentes ao SPG da Ecovida e tratadas as especificidades da Cooperafloresta.

O Conselho de Representantes da Cooperafloresta, composto por 22 representantes dos grupos, é o espaço de discussão, avaliação e definição de orientações para o aprimoramento deste processo, reunindo-se mensalmente. O Núcleo Agroflorestal e a Cooperafloresta participam das atividades da Rede Ecovida – reuniões da coordenação, Plenária de Núcleos, GT de Agrofloresta, GT de Gênero; Encontro Ampliado – na perspectiva de fortalecê-la e de contribuir para a construção da Agroecologia.



Comercialização Coletiva, Ética e Solidária

A comercialização representa um dos grandes entraves para a agricultura familiar, impondo o desafio de se buscar mecanismos e dinâmicas que favoreçam novas relações de produção e consumo onde prevaleçam a ética e a solidariedade, rompendo com a lógica concentradora e excludente do mercado convencional.

Segundo a Nova Sociologia Econômica, o mercado é uma construção social, produto de relações sociais e da correlação de forças estabelecidas entre os diversos atores envolvidos. Assim sendo, o mercado não é autônomo da vida social, mas uma de suas instâncias. Desta forma, o pressuposto é que não existe um único mercado, mas distintos mercados que se organizam segundo as relações e os agentes que os estruturam a partir do contexto e da realidade das regiões.

“De primeiro plantava arroz, feijão e milho. Não vendia. Uma vez colhi uns vinte, trinta sacos de feijão, na hora de colher, caia o preço e trabalho virava despesa.

Tinha que cortar empreita para manter a casa. Tinha que entregar de graça o feijão. Perdia tudo. Depois com a agrofloresta eu conversava com a mulher. Ela falava: é só plantar de tudo, que dá para vender. Mas eu pouco acreditava e tinha medo de não dar para manter a casa. Agora estou acreditando mais no modo e na maneira de trabalhar. A gente planta de tudo e de tudo que a gente planta a gente vende.” (Sebastião, grupo Ribeirão Grande)

No caso da Cooperafloresta, a distância relativamente grande de mercados consumidores como Curitiba (150 km) e os volumes inicialmente pequenos da produção de cada família, tornavam inviável a comercialização individual da produção.

“Antigamente a gente não tinha onde vender as coisas que plantávamos. Tínhamos que ir sempre no mercado comprar alimentos e estar sempre saindo correndo atrás de médico.” (Eliane, grupo Três Canais)

A comercialização coletiva de produtos ecológicos era necessidade, mas também vocação, tornando-se um importante objetivo que motivou ainda mais a organização e união em torno da prática da agrofloresta e da construção da Cooperafloresta.

“Você está levando comida e não veneno para qualquer cidadão do mundo.. .você está levando comida e não droga.. .mesmo que não seja uma fruta muito bonita como os agrotóxicos fazem...mas você vai comer sabendo que é um alimento saudável... a nossa produção temos orgulho de levar pra mesa..é produzido pelo mesmo ambiente que constrói a terra

fértil.” (Ditão, grupo Cedro)

A comercialização realizada de maneira coletiva, cooperativa e baseada na construção de uma relação fraterna e ética com consumidores sensibilizados com questões de saúde, meio ambiente e de inclusão social, teve importância fundamental para o sucesso da Cooperafloresta. A comercialização de produtos muito variados e que nunca tinham tido valor para a venda, foi mais um grande estímulo à diversificação da produção.

“Agora também vendemos de tudo que produzimos: palmito, banana, abacaxi, abóbora, mandioca, vagem, pepino...Pretendo continuar por aqui e na agrofloresta. Não dá pra abandonar uma riqueza desta.” (Eliane, grupo Três Canais)

“...não tem coisa melhor. Tudo o que a gente tem gente coloca pra vender e com preço bom. Tem o limão que não perde. Lima ninguém ligava. Nada tem perda. Temos que agradecer a Deus.”(Mauro, grupo Terra Seca)

A Cooperafloresta vem desconstruindo a visão de que não é possível comercializar fora do grande varejo monopolizado e verticalizado, de que é utopia pensar em mercados que não sigam a lógica da competição e da exploração. Assim, busca um mercado alternativo para os produtos ecológicos-agroflorestais, democratizando o acesso e popularizando o seu consumo através de uma ação deliberada voltada para a população de baixa renda, em contraposição à perspectiva da elitização pelos nichos de mercado. Vem construindo novas formas de distribuição e circulação da sua produção, através de dinâmicas que aproximam famílias agricultoras e consumidoras.

“Vieram aqui umas visitas de consumidores, aí quando chegavam lá na feira, nossa! Era uma alegria. Chegavam 3, 4 clientes, tinha 1 que já tinha vindo aqui. Explicava, pros outros clientes, como era e falava: você tem que comprar! Porque é assim e as-





sim! Eles fazem isso! Fazem aquilo! Foi muito interessante! E quando a gente passa a mensagem para as outras pessoas, mesmo na feira, nossa! Eles ficam encantados só de saber!” (Clóvis, grupo Três Canais)

Privilegiando as formas diretas nos mercados locais e regionais, promove o consumo consciente e responsável, entendendo-o como uma vertente de ação política, aliando o interesse das pessoas em se alimentar melhor à compreensão de que estão contribuindo para o fortalecimento da agricultura familiar e para a conservação dos recursos naturais.

“Geralmente, quando se fala de orgânico o que assusta é o preço. Muitas vezes o agricultor leva pro mercado ou pro atravessador num preço baixo e só porque é orgânico sobem 3 ou 4 vezes o valor. Gosto de fazer feira. A gente consegue levar direto pro consumidor um produto com preço justo. Então o consumidor tem condição de comprar.” (Clóvis, grupo Três Canais)

Apesar das inúmeras dificuldades e limitações, os resultados tem sido muito positivos quando se considera que este empreendimento é gestado por uma Associação composta por 112 famílias agricultoras e quilombolas, cuja produção já se aproxima de 1.000



ton/ano, sendo mais de 80% comercializada coletivamente. A renda da comercialização evoluiu de R\$ 83.000,00 em 2005 para R\$ 260.000,00 em 2007, tendo atingido R\$ 350.000,00 em 2008, R\$ 500.000,00 em 2009, com perspectivas de atingir R\$ 850.000,00 em 2012. O custo da comercialização, supera 40% do total comercializado, mesmo contando com caminhão próprio doado pelo Ministério da Integração Nacional. Estes custos ocorrem nos processos de recolhimento, seleção, maturação, embalagem, distribuição e comercialização no varejo. Contribui para que sejam relativamente elevados o fato das comunidades estarem localizadas em áreas distantes e com precários acessos, além de que os canais de comercialização estão situados na sua maioria na cidade de Curitiba, distante 144 km de Barra do Turvo, onde fica a sede da Cooperafloresta.

“A estrutura da comercialização atrai. Os agricultores da região não têm onde vender. Quando tem onde vender, as pessoas produzem mais, diversificam e também melhora a qualidade da alimentação da família.” (Claudinei, grupo Três Canais)

Atualmente a Cooperafloresta consegue escoar coletivamente a sua produção através de vários canais de comercialização – feiras ecológicas e da economia solidária, Mercado institucional (Programa de Aquisição da Agricultura Familiar- PAA, Alimentação Escolar), Circuito de Comercialização da Rede Ecoviada, restaurantes e pequeno varejo de Curitiba. O resultado da comercialização vem mantendo a evolução prevista, pois as agroflorestas estão aumentando sua produtividade, gerando uma ampliação expressiva dos volumes comercializados pela Cooperafloresta.

Estes resultados são extremamente positivos, uma vez que estão gerando uma renda média mensal de aproximadamente de 1,3 salários mínimos por família de renda direta, acrescido da renda indireta de 4 salários mínimos anuais dos produtos para auto consumo. Esta é uma grande evolução para estas famí-



lias quilombolas, que antes da produção agroflorestal e inserção na Cooperafloresta, não ultrapassavam a 2 salários mínimos anuais de renda da agricultura.

“Surgiu essa a idéia de fazer agrofloresta, fazer doce e ao mesmo tempo mexer com o mel. Perdi o prazer de querer sair para trabalhar fora! Eu e minha esposa começamos trabalhar juntos e tudo que é meu é dela. Não tenho nem palavras. Acho que a gente está no caminho certo. Há 10 anos atrás, nunca imaginava que eu ia ter condição de ter uma casinha, ter um carrinho, a fábrica de doce.” (Claudenir, grupo Salto Grande)

Porém, há uma grande complexidade na gestão comercial que é o grande desafio da Cooperafloresta. A estruturação de uma agroindústria vem colaborar neste sentido, pois diminui a pressão para o escoamento de grandes volumes de produtos perecíveis produzidos em comunidades isoladas, distantes e com acessos muitos precários.

Há o grande desafio de se ampliar e diversificar os canais de mercado, pois o sistema de comercialização coletiva e solidária da Cooperafloresta precisa assimilar o explosivo crescimento da produção agroflorestal, devido à contínua recuperação dos solos, desenvolvimento e assimilação da técnica agroflorestal e da entrada em produção das mais de 300 mil árvores de frutas que crescem nas agroflorestas.

“Eu tenho medo da nossa comercialização não dar certo, dar errado e as famílias recuarem. Eu desde o começo nunca tive muita renda, se eu não puder vender meu produto vai fazer falta, mas eu não vou largar da agrofloresta. Tem que ter coragem de tentar o trabalho, não desanimar e ir em frente!” (Gilmar, grupo Três Canais)

Escola Agroflorestal

O trabalho desenvolvido pela Cooperafloresta, através do tema gerador da agrofloresta, tem promovido o resgate e a valorização do conhecimento das famílias agricultoras, oportunizando a sua expressão cultural e de seus saberes, construídos coletivamente ao longo da sua história, buscando fortalecer sua identidade e capacidade de resistência.

“Depois que entrei no projeto, ocupo menos terra e estou aprendendo uma grande lição de respeito à natureza. É o que a gente não tinha. Não respeitava a natureza. Hoje eu tenho uma grande educação sobre o meio ambiente e sirvo de exemplo na minha comunidade. Nesse trabalho a gente fica muito ambientalista e começa dar valor naquilo que Deus criou.” (Ditão, grupo Cedro)



O resgate dos mutirões é um exemplo disso, onde se cria um rico espaço de convívio social, de solidariedade, de troca de visões e percepções de mundo, de celebração e confraternização.

A experiência da Cooperafloresta com seus vários elementos – agrofloresta; agentes multiplicadores; mutirões; sistemas participativos de garantia; comercialização coletiva, ética e solidária; microcrédito; gestão participativa da associação; incidência política – é partilhada através da Escola Agroflorestal. Espaço informal de formação e intercâmbio de conhecimento, envolve os agentes multiplicadores, famílias agricultoras e técnicos da Cooperafloresta na divulgação e multiplicação da proposta agroflorestal. São realizadas diversas atividades de capacitação como oficinas, mutirões, cursos, estágios, visitas técnicas, envolvendo os membros da Cooperafloresta e as organizações e pessoas de outras regiões.

Acho que as famílias da Cooperafloresta vão ter bons resultados, produzindo uma coisa que não mexe com veneno. Acho que vão ter uma renda muito boa. Vão aprender coisas boas e também vão ser muito



valorizadas. A gente aprende muitas coisas boas, faz cursos, tem outra visão de muitas coisas que não tinha antes.” (Jorlene, grupo Três Canais)

Além de agricultores, técnicos, pesquisadores, universitários, estudantes e consumidores, também participam gestores públicos que reconhecem na experiência da Cooperafloresta uma alternativa de compatibilização entre conservação ambiental e geração de emprego e renda para a agricultura tradicional. A Cooperafloresta recebe aproximadamente 800 pessoas / ano nas atividades da Escola Agroflorestal.

“Eu fiquei muito impressionado com o sistema de manejo agroflorestal e vejo a necessidade de construir uma regulamentação, com base nos princípios que norteiam o processo de SAFs Agroecológicos regenerativos, de modo a permitir que o sistema seja replicado em outras regiões. Temos interesse de viabilizar novas visitas para outros membros da administração pública das áreas afins.” (Vitor Hugo Ribeiro Burko- Diretor presidente do IAP- Instituto Ambiental do Paraná)

A formação e capacitação é eminentemente prática, acontecendo através da ação dos agricultores e agricultoras em suas agroflorestas. O conhecimento e sabedoria construídos são partilhados através de metodologias geradas localmente, seja através dos mutirões agroflorestais, onde se aprende fazendo, seja através dos agentes multiplicadores, que vem sendo qualificados pela equipe técnica da Cooperafloresta para atuarem como facilitadores dos planejamentos e condução das agroflorestas. Agricultor(a) falando com agricultor(a) em ações práticas tem se mostrado a melhor forma de capacitar e ampliar os conhecimentos dos mesmos, pois a construção do conhecimento acontece através do intercâmbio de saberes mediados pela realidade concreta, com seus limites, potencialidades e desafios. Desta forma, o aprendiz também é educador e o processo de ensino aprendizagem promove o protagonismo de todos os envolvidos.

“Eu gosto de receber as pessoas. De estar ensinando como faz a plantação e eles também falam coisas pra gente aprender. É legal receber, porque a pessoa vem de longe e tá conhecendo mais.” (Eliane, Grupo Terra Seca)

O trabalho da Cooperafloresta tem servido como incentivo para comunidades quilombolas do Vale do Ribeira e grupos de famílias agricultoras de outras regiões e estados do Brasil, firmando-se como uma experiência referencial para a agrofloresta em todo o país. Isto faz crer que se está no caminho certo e que é necessário ampliar esta proposta.

“Mas agora, com o projeto, acho que foi mais um avanço na cabeça, quando comecei a conhecer outros lugares, outras agroflorestas, ter mais conhecimen-

to com outras pessoas. O pessoal dando tanto valor para a gente! Acho que tudo isso ajudou a incentivar mais. Acho que todo mundo mudou e passou a acreditar mais.” (Vanilda, grupo Terra Seca)

Na percepção do pesquisador Alvorí Cristo dos Santos,

A Escola de Formação em Agrofloresta é um momento de síntese de uma década de construção da agroecologia em agrofloresta da Cooperafloresta. Um momento de síntese representa um processo de construção histórica com resultados projetados, construídos e atingidos. A compreensão deste momento de síntese se refere à capacidade de produção agroecológica com tecnologias apropriadas e gestadas pelas famílias agricultoras. É um momento de síntese por se compreender que a agroecologia ciência e a agroecologia concepção de vida e sociedade se efetiva quando se consegue produção, emprego, renda, cidadania, e cuidado com a natureza de forma ampliada. Os significados ultrapassaram a dimensão da conservação dos recursos naturais, a natureza renasce.

A consolidação deste momento de síntese nos últimos anos vem sendo legitimada por dois fatos crescentes: os intercâmbios realizados por agricultores e técnicos de instituições respeitadas e os estágios para formação mais intensiva. As solicitações crescem e exigem maior estruturação e qualificação para sua gestão. Os agricultores que cumprem o papel central deste processo de capacitação agricultor-agricultor e agricultor-técnico, por um lado precisam dar continuidade aos seus sistemas produtivos, e ao mesmo tempo são exigidos a qualificar-se técnica e pedagogicamente.

A Escola já é realidade através de processos informais de intercâmbios, da ação dos multiplicadores nos mutirões e mutirões-oficinas, na relação da equipe técnica cumprindo sua missão de acompanhamento a estes múltiplos processos, e cuidando de sua qualificação, e superação profissional. O desafio de estruturação da escola de formação exige a construção de suporte pedagógico, curricular e de condições físicas. A Escola Agroflorestal constituiu-se também em um passo de qualificação interna e de compromisso para a sociedade assumido institucionalmente pela Cooperafloresta e as famílias agricultoras.

A dimensão pedagógica também permeia o trabalho de construção de canais alternativos de mercado, promovendo entre famílias agricultoras, consumidores e distribuidores, a perspectiva da inserção da comercialização num contexto de movimento pela regeneração do planeta, envolvendo mudança de hábitos alimentares e aproximação de agricultores a consumidores, despertados para a necessidade de uma ética social e ambiental na escolha do que consumir.

Incidência política

O processo interno de organização, formação e articulação realizado pela Cooperafloresta tem permitido

que pessoas antes excluídas e marginalizadas sintam-se protagonistas e com poder de escolha e com condições de definir seus passos. A ampliação do exercício da cidadania é um dos objetivos principais da Cooperafloresta, que tem seu ponto de partida nas estruturas e dinâmicas internas, na gestão da associação e de seus projetos. Em sua ação, busca fortalecer o trabalho em rede, buscando a horizontalidade nos processos de reflexão, elaboração e decisão. Assim, há uma grande expectativa que os grupos locais sejam o espaço privilegiado para a formação, construção das estratégias e definições políticas. A proposta de funcionamento de um Conselho de Representantes atuante e com poder de decisão efetivo, a capilarização da assessoria técnica e organizacional através da atuação dos agentes multiplicadores, retrata a intencionalidade de busca do protagonismo e empoderamento das famílias agricultoras.

Externamente, o desafio colocado é o de romper o distanciamento da esfera pública, apropriando-se dos conselhos, comitês, fóruns e outras instâncias de gestão pública, considerados como uma oportunidade para o exercício de repensar a agricultura e o desenvolvimento a partir da realidade local e territorial. Fica clara a importância estratégica desta ação para pautar a questão socioambiental nas agendas locais e regionais. A partir de ações e resultados concretos e da apropriação das experiências geradas, tem sido possível envolver os atores locais, de forma organizada e qualificada, através de articulação nos espaços de discussão das questões afins, seja nos fóruns da sociedade civil, seja nas instâncias de gestão pública.

A Cooperafloresta se articula em diversos espaços e redes onde a experiência e os resultados com agrofloresta têm contribuído para o trabalho de outras organizações, como no caso da Rede Ecovida, onde integra o GT de Agrofloresta. Tem colaborado com as instituições públicas ambientais do Paraná e São Paulo, através de suas propostas e experiências concretas, para a formulação de legislação, ações e políticas públicas que contemplem a realidade e necessidades das comunidades tradicionais e da agricultura familiar no interior e entorno das áreas de preservação ambiental. Neste âmbito, cabe destacar sua atuação junto ao Conselho Gestor do Parque Rio Turvo, RDS Barreiro Anhemas, Pinheirinho e Quilombos em São Paulo e a Flona Açungui no Paraná.

A Cooperafloresta tem buscado o diálogo com o poder público na esfera municipal, estadual e nacional, participando da discussão de programas e políticas públicas. Daí tem resultado parcerias, projetos, convênios que tem colaborado para a consolidação do trabalho. No âmbito municipal, há avanços significativos, traduzidos em várias parcerias em projetos com a Prefeitura de Barra do Turvo e na ação na Câmara de Vereadores de Barra do Turvo com a representação política e na busca de direcionamento de recursos para as comunidades quilombolas, agricultura familiar e agroecologia.

O JEITO DE OLHAR

No processo de construção da Cooperafloresta, em especial no acompanhamento às famílias agricultoras no planejamento, implantação e manejo das agroflorestas, os agentes multiplicadores vem desempenhando um papel fundamental. Ouvir o que eles tem a dizer, suas percepções sobre o trabalho e resultados alcança-



dos é um importante caminho para a reflexão que aqui está sendo proposta. Além de trazerem estes elementos, com sua trajetória pessoal e familiar contribuem para a compreensão dos elementos que tem influenciado a aproximação, adoção e convicção de agricultores e agricultoras em relação à prática agroflorestal e à participação ativa na Cooperafloresta. Para tal, foram realizadas 10 entrevistas semi estruturadas, na maioria envolvendo o casal. A seguir, está relatada a síntese das falas através das principais questões e conclusões apresentadas por eles.

A aproximação da agrofloresta deu-se através da ação dos técnicos que atuavam em Barra do Turvo – Osvaldinho e Nelson – num momento em que as famílias agricultoras estavam sem alternativas de produção, com os agroecossistemas tradicionais em desestruturação e declínio, com falta de comercialização e renda, obrigando-as à busca de trabalho nas fazendas da região.

“O sistema aqui no município é muito difícil. Um tempo atrás o que dava dinheiro aqui era o plantio feijão. Mas depois não teve não preço, aí quem tinha sítio ficou parado. A gente criava porco e fazia roça. A gente trabalhava na família em 63 alqueires, roçava e queimava e fazia uma roça, mas tinha que sair do sítio para fazer roça nas fazendas. Mas depois os fazendeiros jogavam semente para não vir mais mato... assim aquele lugar não servia mais para fazer roça. As pessoas aqui vivem na mão dos fazendeiros...”

A motivação inicial para a prática agroflorestal

foi determinada pela vontade de mudar a forma de produzir que vinha destruindo o solo e os recursos naturais, acarretando a diminuição da produção. Ao mesmo tempo, a perspectiva de geração de renda através da comercialização incentivou e impulsionou a tomada de decisão. A diversificação e qualificação da alimentação da família também aparecem como um elemento importante. Outras questões também foram elencadas, como a possibilidade de se fixar na sua terra sem a necessidade de vender a mão de obra para sobreviver; a necessidade de recuperar e conservar a natureza; a pressão dos órgãos ambientais contra as queimadas e extração de palmito.

“Tinha muita dificuldade, não tinha comércio e havia a possibilidade de recuperar a Natureza, ter frutas no meio do bananal e também conseguir vender”

“Eu sempre falo que a gente trabalhava derrubando, a gente mexia com roça, a gente derrubava a capoeira na fazenda para plantar roça, tirava o milho e as vezes dava para pagar as dívidas e ficava sem nada, precisando voltar a roçar de novo. Com a agrofloresta a gente viu que plantando ficava alguma coisa pro futuro, sem precisar derrubar todo ano. A nossa família derrubava todo ano 8 alqueires no machado para fazer roça. Com este projeto da agrofloresta a gente viu que estava destruindo muito e construindo pouco. Os meus irmãos foram embora e eu tinha este projeto de agrofloresta na cabeça, daí eu resolvi mudar de estratégia na forma de trabalhar.”

As principais dificuldades enfrentadas no início do trabalho foram: falta de sementes; insegurança para deixar o trabalho assalariado para se dedicar à agrofloresta, pois ainda não havia produção e renda que assegurasse a sobrevivência da família; dificuldade na comercialização; dificuldade no transporte da produção; período de transição para descontaminar o solo e poder comercializar na feira ecológica; falta de apoio dos órgãos públicos; família, vizinhos e comunidade contra a agrofloresta.

“No começo a comercialização era difícil... era difícil de transporte... com a insistência do Nelson a gente não desistiu.. não sei explicar porque nós não desistimos... pouca produção, sem apoio da prefeitura, todo mundo contra. Foi por Deus !” (Ditão, grupo Cedro)

A assessoria técnica foi fundamental para o desenvolvimento da agrofloresta e estruturação e funcionamento da Cooperafloresta. A realização de visitas, planejamentos, mutirões, oficinas, cursos, juntamente com o incentivo para não desistir nas horas difíceis foram decisivos para a evolução do trabalho. Os agentes identificam o comprometimento e dedicação da equipe técnica como fator essencial para os resultados alcançados.

“Osvaldinho e Nelson foram fundamentais para o

início da proposta e para a ampliação.”

“Quem deu a força grande que não pode ser esquecido foi o Nelson, o Osvaldinho no começo, a Lucilene. Se não fosse eles a Associação não teria chegado aonde chegou!”

“A gente começou a acreditar depois que o Nelson passou a escrever projeto e aparecer resultado. O Nelson acompanhou um pouco, mas o Bernardo acompanhou mais a gente por uns 2 anos.”

Na atuação como agentes multiplicadores, avaliam que o processo continuado de formação e capacitação foi muito importante, qualificando-os para animar e orientar as pessoas para fazerem agrofloresta.

“Toda semana se reunindo, isso dava muito impulso, animava as pessoas a fazerem agrofloresta, foi muito importante!”

“Era importante para incentivar o pessoal novo na área, que não tem prática no trabalho, para ajudar, ensinar a fazer agrofloresta.”

“Quero passar o que a gente aprendeu na capacitação. Alguns pegam, mas outros acham que o multiplicador tem que fazer a área deles... mas o multiplicador não é peão... a gente entra na área como um técnico”

“Eu trabalhando como multiplicador, eu alerta que eu vou melhorando em cima dos meus erros. De repente foi até bom começar de forma errada e tentar corrigir e poder mostrar para as pessoas que errei.”

“Eu busco conhecimento na natureza e trazer para minha roça e através dos resultados que eu tenho, eu trabalho com as pessoas.”

“O Sidinei veio e ajudou a gente no começo, fizemos mutirões e ajudou a abrir a área e depois a gente fez por conta. Depois ele veio várias vezes visitar e ver o que tinha que plantar... pegava no facão e ia junto... arranca mato, corta mato, derruba árvore ajuda a picar.No começo, com orientação do Sid, misturamos semente e plantamos banana primeiro, cana, guan-du, melancia, mandioca, milho, pepino, de tudo um pouco.”

Na visão dos agentes multiplicadores o que faz as pessoas abraçarem a agrofloresta é principalmente o exemplo, é possibilitar que vejam os resultados concretos na produção, na recuperação dos recursos naturais e na renda.

“O exemplo é a melhor forma, conhecer as áreas, a organização, a comercialização”

“Conhecer outras agroflorestas “encheu” os olhos!”

“Ter a experiência concreta para ver... o feijão na capoeira na capoeira sem plantar...milho se deu bem... arroz sem queimar e sem carpir, deixou a galhada em

leira...ver esta prática estimula e dá confiança.”

“Quem está no processo e acredita, e tem mais força, tem que caprichar mais na sua área, fazer mais agrofloresta que vai trazer muita gente. E é 2 ou 3 agricultores mostrando a área vai atrair muita gente. Tem que ter um frenteiro!”

“A agrofloresta está convencendo o povo... as pessoas estão de olho nas áreas...”

“O resultado vai cativando as pessoas... vai incentivando e elas vão entrando no mesmo barco.”

“O ser humano tem a vontade de vencer que é de Deus... a pessoa vê que você está indo bem... da estrada se vê quase toda a minha área... aí as pessoas vêm a minha área melhorar e vão se convencendo.”

Há uma unanimidade em relação à importância da comercialização e geração de renda para sensibilizar e atrair as famílias agricultoras para a Cooperafloresta:

“A estrutura da comercialização atrai. Os agricultores da região não têm onde vender. Quando tem onde vender, as pessoas produzem mais, diversificam e também melhora a qualidade da alimentação da família”

“Aqui na nossa região tem muita dificuldade financeira, se consegue algum resultado que consegue aparecer, ter renda, ajuda muito”

“Tem gente que vê o que você está fazendo e gosta e tem gente que tem que ver se está dando resultado, se está gerando renda... e a partir daí começa a gostar... começa a conviver com as pessoas e vai mudando a cabeça. A maioria das pessoas olha para o lado da renda... se pergunta: se eu parar de fazer o que estou fazendo eu não vou passar fome?... ai você tem que convencer.”

“A agrofloresta muda a vida do agricultor... no nosso lugar o pessoal da roça é muito carente... e dentro da agrofloresta o que você plantar vai vender... muda sua comida, seu modo de viver melhor. Tenho uns amigos meus que produzem mandioca e banana demais, mas o sítio fica abandonado... eu incentivo para entrar na agrofloresta, que vai vender tudo.”

Outro fator que facilita o envolvimento de novas famílias nesta proposta é a forma de organização da Cooperafloresta, com seus grupos e mutirões:

“As pessoas reparam na união das pessoas, uma semana mutirão na casa de uma pessoa e na outra semana em outra casa. Depois do almoço tem sempre uma conversa”

“O trabalho em grupo, no mutirão, gera aprendizado, contato com novas formas de manejo”

“Nos mutirões, antes de começar o pessoal chupa fruta e vai plantando durante o mutirão.”

“Fazer junto ajuda na adoção das práticas agro-

florestais”

“O processo de organização e o fato de não estar sozinho, de se estar escorado.”

As restrições financeiras dificultam a implantação das agroflorestas, especialmente para aquisição de sementes e mudas que não podem ser coletadas ou produzidas localmente. O apoio para as famílias agricultoras através do microcrédito, Pronaf e projetos têm sido fundamental para a viabilização dos insumos necessários para a implantação dos planejamentos das áreas.

Precisa ter um capital para ajudar os agricultores iniciarem a agrofloresta... tem que ir na área, avaliar, orientar e dar uma ajuda até ele começar a produzir.

“Depois do Projeto Iguatu começamos com os agentes multiplicadores, toda semana se reunindo, a fazer agrofloresta plantando tudo junto... banana, palmito, abacate... vários tipos de sementeira... nunca mais se perdeu semente. As sementes e mudas conseguidas no Projeto Iguatu ajudaram muito.”

Alguns multiplicadores lembram a importância dos sentimentos que expressam o caminho escolhido, contribuindo para sensibilizar as pessoas para a agrofloresta.

“Acho que tem que ter aquele espírito de fé, olhar o mundo lá fora, o que está acontecendo... abraçar a justiça e fazer com amor. Não pensar só no seu futuro, mas pensar no futuro dos que ainda não estão presente neste mundo, e quando eles chegarem terão um mundo melhor.”

“Depende da família, fé e amor no que estão fazendo e acreditar que dali vão tirar o futuro deles.”

A consciência ambiental é uma presença marcante entre os agentes multiplicadores, estabelecendo a correlação entre a prática agroflorestal como alternativa na urgente mudança nos padrões de produção e consumo.

“O primeiro é se conscientizar e saber que o cami-



nho é fazer agrofloresta para viver bem, para segurar nossos filhos. E ser consciente com o meio ambiente”

“Antes a gente só queria desdobrar a mata, a gente não conhecia isso. Hoje a gente vê que em Barra do Turvo, nesses morros todos, o melhor jeito de conviver com a terra é com agrofloresta, não tem outro sentido... Quem mexe com pasto é um pecado, um acidente maior, daqui a pouco vira deserto, vai destruir a água. O melhor investimento para a nossa mãe natureza, pro mundo é investir em árvore, é conviver com as árvores.

“Não pensar só no seu futuro, mas pensar no futuro dos que ainda não estão presente neste mundo, e quando eles chegarem terão um mundo melhor. Cada um de nós agricultores ecologistas tem que pensar nisso. Tem que pensar que não podemos destruir o meio ambiente, mas precisamos conviver com o meio ambiente. Temos que produzir uma comida para mesa do cidadão que leva saúde. E pensar nos animais em extinção por causa do desmatamento, por causa da destruição da natureza. Aí todos nós vamos aprender e levar um desenvolvimento sustentável para as novas gerações. Tem que ter este espírito não pensar só no hoje.”

Uma lembrança recorrente entre os multiplicadores é a dimensão espiritual do trabalho na Cooperafloresta. Fica claro, que além dos aspetos produtivos, da melhoria da alimentação, do aumento da renda e da recuperação ambiental, há uma relação direta entre agrofloresta e a espiritualidade.

“Eu me converti na agrofloresta, mas se alguém fala mal, dói em mim. Eu tive uma revelação, em sonho que Deus mostrou para mim.”

“Deus ilumina a área e faz produzir”

“O Homem e a natureza... estar no meio das plantas estar agradecendo por Deus ter deixado esta coisa bonita.”



LIÇÕES E APRENDIZADOS

Agrofloresta firmemente fundamentada no funcionamento da natureza

“A agrofloresta é uma plantação sem fim” (Nelma, grupo Terra Seca)

A agrofloresta é um grande avanço prático, no sentido das pessoas e da agricultura voltarem a fazer parte da natureza, gerando enorme fartura de alimentos e água. Não há como preservar a natureza sempre como ela está, porque que ela está sempre em movimento, sempre em direção à maior fertilidade, maior diversidade de plantas, de animais, de micróbios e maior quantidade e qualidade de vida. Mas se quisermos que haja condições para continuarmos a viver neste planeta, temos que ao produzir alimentos, madeiras, remédios e animais, agir de maneira a participar do trabalho de todos os outros seres e preservar a direção em que a natureza caminha. É preciso que um dos frutos de nosso trabalho, também seja a constante melhoria do lugar onde plantamos e colhemos. Na agrofloresta devemos favorecer e preservar a direção em que a vida caminha.

Juntos é mais fácil



Grupos, mutirão, reuniões, oficinas, conselho de representantes, certificação participativa, agroindústria, comercialização coletiva e solidária, escola agroflorestal, microcrédito, projetos e parcerias... juntos tudo fica mais fácil!!!!

Mais que assessoria técnica... uma missão de vida

“O Nelson, um homem deste estudado não precisava estar olhando por nós... ele e a Lucilene... o sucesso na vida eles teriam se viessem para cá ou não... mas eles escolheram distribuir a sabedoria deles para nós... a nossa área produzindo bem tem um pedaço da sabedoria deles. Eles são um casal que Deus mandou para mudar a his-

tória do povo aqui”. (Urias, grupo Estreitinho)

A equipe técnica da Cooperafloresta, ao longo de sua trajetória, teve um papel muito decisivo nos rumos que a mesma tomou. Isto se deve à forma como acreditou e se dedicou ao trabalho. Antes de mais nada foram incansáveis guerreiros e esperançosos aliados das famílias agricultoras. Diante de muitas adversidades, da falta de remuneração, das condições precárias de trabalho, seguiram incessantemente buscando o sonho coletivo de agroflorestar o mundo. Sem dúvida, este é um diferencial nesta experiência e um dos elementos cruciais para os resultados obtidos.



“A gente não botava fé no Nelson... mas é um anjo de Deus que veio!!! Ele é uma pessoa muito boa, aquela paciência, trabalhou sem receber...comendo o que sobrava da feira, não cobrava nada...dando a vida pelos agricultores...é difícil ter gente como ele... Deus que dê para ele força e vida para ele enfrentar, porque lidar com o povo não é fácil...mas se Deus colocou ele aqui é porque ele consegue.” (Dolória, grupo Terra Seca)

“O Nelson, se ele tivesse bem no comecinho largado acho que a gente teria fraquejado... ele foi lutando, lutando ... e até hoje ele luta...ele dá a vida por esse trabalho! (Gilmar, grupo Três Canais)

A importância dos agentes multiplicadores

“Era importante para incentivar o pessoal novo na área, que não tem prática no trabalho, para ajudar, ensinar a fazer agrofloresta.” (Cláudio, grupo Terra Seca)

Planejando as atividades junto com as famílias, depois as visitando uma vez por semana ou a cada duas semanas, acompanhando o andamento dos planejamentos e realizando diversas atividades junto com elas, os agentes realizam e estimulam práticas fundamentais para a melhoria das áreas e que normalmente não eram adotadas. As semelhanças de experiência de vida dos agentes e das demais famílias facilitam o diálogo, a procura de soluções e o entendimento da importância e do porque de cada manejo ou passo realizado ou planejado. Consideramos que o trabalho dos agentes, fortalecido pelas visitas dos grupos da Cooperafloresta

resta às famílias que têm se destacado pelo excelente manejo de suas agroflorestas, têm sido fundamental para a grande transformação que vem acontecendo num prazo muito pequeno na Cooperafloresta.

As visitas dos multiplicadores ajudam a melhorar a área... eu já tirei aprendizado com o Sid onde plantar as mudas... é sempre uma troca... semente você sempre leva um punhadinho prá alguém... tem muda do Zefredo que está aqui. (Urias, grupo Estreitinho)

Liberdade na condução das agroflorestas

“Foi um processo... foi experimentando novos caminhos...foi contando vários momentos...foi amadurecendo. É difícil saber qual é o momento chave.” (Claudinei, Grupo Três Canais)

Não há um modelo formatado que defina de maneira de se conduzir as agroflorestas. Não é uma liberdade completa, pois há uma intervenção através de um conceito insistido, que apesar de claro e presente, não é capaz de tolher a iniciativa dos agricultores e agricultoras na sua prática. As pessoas realmente tem liberdade para beber dos conhecimentos tradicionais, usar sua experiência e ouvir sua intuição no fazer agroflorestal.

A agrofloresta entendida como agricultura



Fazer agrofloresta é procurar entender e usar os processos de sucessão natural, as relações entre as espécies e os ciclos naturais para a produção de alimentos, permitindo assim o aumento de biodiversidade e da conservação ambiental. Nesta procura, o saber ecológico dos agricultores, aliado ao saber técnico-científico, é fundamental. Os princípios agroflorestais balizam constantemente toda prática agrícola e não somente a implantação de uma área. O conceito é trabalhado desde uma lavoura que não tem árvores até uma capoeira ou mata em estágio avançado. É uma conceitualização que interage sempre, buscando que esta filosofia penetre em tudo!

“A mudança dentro da agrofloresta é grande demais. Só se a pessoa quiser se tornar um cego pra não ver. Eu vejo a mudança por mim, eu vejo a esperança por mim. Pra mim foi uma mudança fora do sério, é como você virar uma camisa ao avesso. Imagina que a gente destruiu o terreno, tirando toda a camada da terra boa. Eu metia veneno, enxada, muitas vezes virei a terra com enxada, passava o rastelo e queimava o cisco todo, pra ficar uma terrinha bem limpinha. E hoje a gente vê depois de 2, 3 anos, a mudança que essa área pegou através do sistema de agrofloresta, da plantação consorciada, através de leguminosas, do guandu, como eu gosto e admiro essa planta! Através de plantas e mais plantas! Eu agora até trago cisco de fora pra botar dentro da área, imagina! Eu não ia fazer nunca isso na minha vida! Trazer mato lá de fora pra colocar dentro da área! Deus do céu!” (José Baleia, grupo Indaiatuba)

O conhecimento tradicional como inspiração para a agrofloresta

“A gente teve que aprender coisa que já tinha esquecido.” (Pedro, Grupo Córrego do Franco)

Antigamente, na região se fazia roças de feijão, milho e arroz. Quase todos os lugares eram cobertos por florestas ou capoeiras. Os matos e árvores, a inclina-



ção do lugar, a face que bate mais ou menos sol, a cor e cheiro da terra e os animais sinalizavam onde se plantar. Depois a capoeira era derrubada, secava e era queimada para o plantio. Depois se voltava somente para colher a produção, sempre muito farta. A terra ia enfraquecendo e depois de poucas lavouras, se deixava o terreno descansar, para que a natureza recuperasse a fertilidade do lugar. O lugar só era utilizado novamente quando já tivesse crescido uma capoeira farta, na qual os matos e árvores mostravam que a terra estava novamente fértil. Por isto, a produção das lavouras era geralmente muito grande. Além disso, havia enorme fartura de palmito, de frutas nativas, de caça e de peixes. Assim, a alimentação era farta e diversificada.

Esta forma de fazer agricultura estabelece uma

proximidade com os ciclos naturais, que norteiam as decisões e a prática dos agricultores e agricultoras. Desta forma, os conhecimentos das populações tradicionais inspiram o fazer agroflorestal.

A vocação do lugar para agrofloresta

“A gente cresceu aqui e conhecemos bem a mata daqui... E também aprendemos como ela funciona e a gente começou a usar o conhecimento nas agroflorestas” (Sidinei, grupo Três Canais)

A Região do Vale do Ribeira com seus remanescentes de Mata Atlântica e com a presença de comunidades tradicionais com conhecimento sobre os detalhes de como a natureza trabalha, quando forma as capoeiras, quais espécies florestais existem na Mata Atlântica e como e quando se reproduzem e se consorciavam, facilitam muito o trabalho com agrofloresta.

“Eu já vinha observando que os pés de banana na beira do rio, na sombra e no meio do mato vinham se desenvolvendo melhor que as do limpo, onde se carpia. Não entendia o por que, mas notava a diferença e ficava intrigado.” (Sezefredo, grupo Salto Grande)

A Natureza como aliada

“A mãe natureza não pára de trabalhar hora nenhuma. E com este trabalho, a gente aproveita o serviço que ela faz para nós.” (Sezefredo, grupo Salto Grande)

A ação da natureza através da grande dispersão de sementes provocando uma infestação natural de milhares de plantas nas capoeiras e matas é uma grande aliada dos agricultores e agricultoras no manejo de suas agroflorestas. A capacidade da floresta em fecundar outros locais é um elemento muito presente e favorável no Vale do Ribeira.

A determinação e sucesso das experiências pioneiras



As famílias pioneiras e suas agroflorestas foram fundamentais para a capacitação das que vieram depois. No início, o que a maioria conseguiu foi aumentar o uso dos consórcios e passar a plantar maior diversidade de frutas, hortaliças e lavouras anuais. Plantar guandu junto com outros adubos verdes e nas capinas, preservar algumas árvores que apareciam espontaneamente nas lavouras. A infestação de capim diminuiu e a fertilidade dos terrenos aumentou, foi conservada ou pelo menos demorou mais a diminuir. Estes primeiros passos foram importantes para o conhecimento de novas plantas e para se ganhar experiência com alguns importantes fundamentos da agrofloresta.

“Daí fui naquela visita no Sidinei. Aquela visita foi muito importante. Daí a gente viu aquela mudaradilha uma perto da outra. Achava impossível aquilo, mas daí a gente viu. Daí a gente viu que uma planta serve de esterco para outra planta. Daí a gente viu muitas coisas para instruir mais a gente. Não colocava fé naquilo! Mas agora eu estou sentindo que é só trabalhar. Meu interesse maior é plantar as mudas de árvores. Estou já que nem o Sezefredo. Estou mais é limpando as minhas plantas. Quero ver se preencho mais com mudas de raiz nua, pés de palmito, de frutas, de árvores. A minha área é bastante e não paro.” (Dolória, grupo Terra Seca)

Agrofloresta se aprende fazendo

“O começo da agrofloresta ta lá no final dela!!!!” (Claúdio, grupo Terra Seca)

Agrofloresta se aprende e se faz em parceria com a natureza. Mas a natureza nunca faz dois caminhos exatamente iguais. Pode-se confiar na direção do caminho, que sempre nos levará para a fartura, para a diversidade, para melhores condições de vida. Mas cada planta é diferente da outra, cada lugar é diferente do outro e cada pessoa também é única e singular. Num mesmo sítio, cada pedacinho nunca é igual ao outro. O clima é diferente a cada ano e a cada lugar. Nunca se sabe totalmente o que vai acontecer. É necessário estar sempre observando, dialogando com a natureza, fazendo uma pequena delicadeza, dando um novo e pequeno toque de cuidado que pode mudar tudo. No início pode parecer difícil, mas nada é mais fácil, divertido e gratificante. Tem a beleza, a alegria e a simplicidade da vida. Os agricultores e agricultoras aprendem fazendo! É uma forma de produzir que usa tanta coisa ao mesmo tempo, que as áreas se tornam uma grande experiência, onde cada um que as maneja tem a oportunidade de experimentar e descobrir as possibilidades e limites. Neste sentido, o apoio dos agentes multiplicadores e técnicos traz luz e amplia o olhar para cada situação.

Sombra, água boa e farta

“Na agrofloresta você trabalha tranqüilo, na sombra, não pega sol quente, não enfrenta uma enxada

para carpir... você trabalha com a foice e o facão... e esta é a ciência da agrofloresta: fora da agrofloresta você faz 2 ou 3 alqueires e na agrofloresta faz meio alqueire, mas produz mais”. (Urias, grupo Estreitinho)

“A gente se anima com a sombra, ela anima. A planta não gera só fruto e dinheiro, gera oxigênio, se-gura água, pra mãe natureza, pra mãe terra. A agro-floresta é uma roça que se multiplica, os passarinhos e os bichos vêm chegando. A natureza está chegando de volta.” (Sezefredo, grupo Salto Grande)

“Hoje você está nervoso, está com problema, você vai para a plantação e esquece... você lembra só quando termina. Você tem ar puro e uma plantação muito



bonita... tem a mão de Deus abençoando. Para mim um pé de café, um pé de qualquer uma árvore eu cuido dele... converso com ele... eu tenho muito mamão plantado ..se passar alguém e quebrar meu pé de mamão eu fico nervoso... Você pode ir numa área... se for bem cedo ela vai estar de um jeito, no meio do dia de outro jeito e no fim da tarde de outro... no fim da tarde é o horário mais bonito... é uma terapia muito agradável, estar sentado umas 5 e meia... sentado e bem tranqüilo, des preocupado.” (Urias, grupo Estreitinho)

Gênero e Geração

“Esse foi o ano quem nós mais produzimos e tivemos mais renda... e eu trabalhei mais... antes eu não ia para roça, eu me dediquei mais, antes eu ficava mais cuidando da casa e eu enjoei... e ai eu fui para a roça com o Gilmar.. ai a gente chegava em casa e os dois iam fazer comida, a salada... eu falo para ele.. tem que ajudar... não é só a mulher não. Foi um ano bom para mim... ” (Jorlene, grupo Três Canais)

A Cooperafloresta tem lançado um olhar cuidadoso para a participação das mulheres e dos jovens em todas as suas propostas de formação, produção, e comercialização. A dinâmica de reuniões mensais dos grupos procurando envolver toda a família; a atuação como agentes multiplicadores; participação na comercialização e gestão da associação; o acesso aos recursos para fomento da agroecologia e agroflorestas; oficinas com enfoque em gênero são exemplos das ações voltadas para a superação do isolamento das mulheres no espa-

ço privado, ampliando a sua visão e inserção na esfera pública. Há uma intenção clara de se buscar a equidade de gênero nos processos e dinâmicas em construção, bem como o envolvimento dos jovens. Porém é importante salientar que as relações sociais transformam-se a partir de uma mudança de concepção e postura que só se edificam na lida diária de ruptura das limitações impostas pelo processo histórico-cultural de cada pessoa, grupo, comunidade e classe social. Assim, os avanços dependem também de fatores e condicionantes muito mais amplos e complexos do que os possíveis de serem trabalhados pela associação

A forma de agricultura que a gente vive hoje, que é a agroecologia e agrofloresta, não é um espaço de competição, é um somatório. A gente está plantando para poder somar. É preciso ter um trabalho forte com os jovens e crianças para dar continuidade. E precisa trazer de volta os jovens que foram para cidade. (Cláudinei, grupo Três Canais)

“Mas agora, acho que foi mais um avanço na cabe-



ça, quando comecei a conhecer outros lugares, outras agroflorestras, ter mais conhecimento com outras pessoas. O pessoal dando tanto valor para a gente! Acho que tudo isso ajudou a incentivar mais. Acho que todo mundo mudou e passou a acreditar mais.” (Vanilda, grupo Terra Seca)

Construindo uma Consciência Ambiental

“Antes de trabalhar na agrofloresta eu achava que trabalhar na agricultura era normal, pegava a enxada e erguia nas costas, batia o dia inteiro e pronto, acabou! Hoje não! Se a gente vai para roça, a gente sabe, que a cada lugar que tamos mexendo, que ali tá um futuro. A gente tá protegendo a natureza, o meio ambiente que a gente mesmo pode mais tarde deixar para os filhos ou pra gente mesmo. Que a gente sempre vai ter. Se continuasse a trabalhar como antigamente... nós ainda passávamos... mas os filhos e netos não iam ter mais nem água para beber. Nesse sistema

de agrofloresta a gente sabe que um dia a gente vai morrer, mas plantou para os filhos e não estamos deixando os filhos na miséria, igual a gente tava ficando.” (Nelma, grupo Terra Seca)

“Todas as coisas tem um significado... tem que ter uma lógica... o trabalho de multiplicador, a fazeção de mudas e o plantio das mudas. A pessoa tem que saber o significado das coisas...tem que colocar na cabeça das pessoas que o planeta ta pedindo socorro..quanto mais árvore a gente plantar melhor...a importância das árvores para alimentar os seres vivos que tem na Terra e para ajudar o planeta. Esse mundo aqui é a nossa casa!” (Cláudio, grupo Terra Seca)

“A gente como cristão, a gente vê que Deus fez um mundo tão bem feito e hoje em dia muitos desastres ambientais que existem estão acontecendo por causa dos danos à natureza, fruto do que o homem destrói... então, às vezes vem chuva demais, vem sol demais, quando se destrói o meio ambiente as pragas atacam forte...a gente vê que não pode destruir o meio ambiente, tem que trabalhar com agrofloresta, que a gente está dando vida, não só pro ser humano, mas para a Natureza e em tudo que nela existe...todos estão vivendo num mesmo sentido por isso que a agrofloresta é o ponto certo...o Mundo inteiro devia fazer agrofloresta.” (Ditão, grupo Cedro)

A Agrofloresta como exercício da espiritualidade

“Na agrofloresta, o agricultor tem que colocar a muda no chão, mas não achar que é o dono da muda... que vai fazer a muda produzir, mas quem vai fazer a muda produzir é Deus...você coloca uma semente e a semente vai germinar se Deus permitir.você tem que colocar e ter confiança..e assim a sua área vai ser abençoada e vai produzir..o homem tem que ter essa confiança.” (Urias, grupo Estreitininho)

“Eu sei que é um trabalho de Deus... a gente está trabalhando fazendo a vontade de Deus.” (Dolória, grupo Terra Seca)

“A agrofloresta é um trabalho espiritual, pois você quer ver o próximo bem, ela é uma coisa de Deus. E não tem ninguém para parar... ela sempre vai crescer, pois tem a Mão de Deus.”

“Deus concedeu poder a natureza para dar forma e vida, assim ela mostra toda sua beleza e amor para quem observar e sentir suas energias. Através da agrofloresta e na construção de relações humanas, procuramos praticar essa re-ligação entre gente e natureza. Nosso agradecimento ao divino Pai Eterno, pelo belo presente chamado Terra e pela graça de poder desfrutar e fazer parte de sua obra.” (Lucilene, agrônoma da Cooperafloresta)

Sobre o Projeto Agroflorestar

O Projeto Agroflorestar: co-operando com a Natureza foi selecionado no Edital 2010 do Programa Petrobras Ambiental. Iniciou em dezembro de 2010, sendo fruto de uma articulação entre a Cooperafloresta e organizações governamentais e não governamentais que vêm edificando uma parceria consistente em torno das questões socioambientais, particularmente na construção da proposta agroflorestal no Vale do Ribeira, Litoral do Paraná e em assentamentos de Reforma Agrária do Movimento dos Trabalhadores Rurais em Terra (MST) em São Paulo e no Paraná. O projeto objetiva promover a recuperação e conservação dos recursos naturais, com foco na fixação de carbono e emissões evitadas, através do aprimoramento e ampliação da prática agroflorestal junto à agricultura familiar, comunidades quilombolas e assentamentos gerando referenciais técnicos e metodológicos, socializando e multiplicando os conhecimentos e experiências construídos através de atividades de formação, capacitação, intercâmbios e educação ambiental. Foram implementadas ações para formação e capacitação enfocando a agrofloresta, gestão dos recursos naturais e adequação ambiental; assessoria técnica e fomento à produção de produtos agroflorestais; pesquisa e geração de indicadores e metodologia de fixação de carbono; educação ambiental e estímulo ao consumo consciente e responsável. O Projeto Agroflorestar encerra-se em dezembro de 2012, tendo contribuído de forma muito expressiva para a qualificação e multiplicação da prática agroflorestal, fortalecimento organizações envolvidas e recuperação e conservação dos recursos naturais.

Parcerias:

Associação dos Remanescentes de Quilombos do Bairro Areia Branca

Associação Nova Esperança Quilomba do Bairro Cedro

Associação dos Remanescentes de Quilombos do Estreitinho

Associação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar do Vale do Ribeira e do Litoral Sul - SINTRAVALÉ

Associação de Trabalhadores na Educação e Produção em Agroecologia Milton Santos

Cooperativa de Assessoria Técnica Integral do Vale do Ribeira - CATIVAR

Centro de Desenvolvimento Sustentável e Capa-

citação em Agroecologia - CEAGRO

Centro de Formação Sócio-Agrícola Dom Hélder Câmara

Escola Estadual do Bairro Rio Vermelho

Escola Estadual Luiz Darly

EMATER Antonina

Embrapa Florestas

Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz -ESALQ/USP-Depto de Produção Vegetal

Escola Latinoamericana de Agroecologia- ELAA

Floresta Nacional do Açungui - FLONA Açungui

Heifer Internacional

Instituto de Pesquisa Cananéia- IPEC/ Ponto de Cultura "Caiçaras"

Instituto para o Desenvolvimento Sustentável e Cidadania do Vale do Ribeira - IDESC

Instituto Técnico de Educação e Pesquisa da Reforma Agrária- ITEPA

Instituto Técnico de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia Laudenor de Souza

Motiró-

Parque Estadual do Rio Turvo

Prefeitura Municipal de Adrianópolis

Prefeitura Municipal de Antonina

Prefeitura Municipal de Barra do Turvo

Prefeitura Municipal de Morretes

Programa de Pós Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento - UFPR

Reservas de Desenvolvimento Sustentável - RDS Barreiro/Anhemas

Reservas de Desenvolvimento Sustentável - RDS dos Pinheirinhos

Universidade Federal do Paraná - Litoral - UFPR Litoral

Visão Mundial





Patrocínio

PROGRAMA
PETROBRAS
AMBIENTAL



PETROBRAS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Cooperafloresta - Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo e Adrianópolis - Estrada SP 552/230, km29,5
Barra do Turvo - SP - fone: (15) 3577-1460 www.cooperafloresta.org.br site do projeto: www.agroflorestar.org.br